

X Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXV Jornadas de Investigación XIV Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2018.

Reflexiones sobre la facilitación en los grupos de escuchadores de voces - entrevoces.

Baroni, Daiana.

Cita:

Baroni, Daiana (2018). *Reflexiones sobre la facilitación en los grupos de escuchadores de voces - entrevoces*. X Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXV Jornadas de Investigación XIV Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-122/140>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ewym/09d>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

REFLEXIONES SOBRE LA FACILITACIÓN EN LOS GRUPOS DE ESCUCHADORES DE VOCES - ENTREVOCES

Baroni, Daiana

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Brasil

RESUMEN

Los grupos de Escuchadores de Voces - ligados a la "Red Internacional Intervoice - Entrevoces" fueron creados en Europa, Holanda en la década del '80 por el psiquiatra Romme y su paciente Patsy. Son grupos anónimos que trabajan la relación con las voces. La intención es que el oidor, al observar el fenómeno de escucha de voces a partir de perspectivas que sobrepasen una visión sólo de alucinación verbal auditiva y de enfermedad, pueda buscar comprenderlo en relación a sus propias vivencias, abriendo así nuevos caminos en busca de estrategias que propicien una buena convivencia con las voces y trabajando en la organización y estabilización de esta experiencia. Este trabajo busca presentar algunas reflexiones en relación a la práctica de los grupos de escuchadores a partir de experiencias obtenidas en la región de Lazio, centro norte de Italia, dando énfasis a la función de facilitación. Esta participación se efectuó de manera diversa - como observadora, aspirante a la facilitadora, miembro del grupo - de acuerdo con la dinámica de funcionamiento de cada grupo, con la forma de mi entrada y de los vínculos establecidos con facilitadores y escuchadores. Se espera contribuir a la discusión sobre nuevas prácticas en salud mental.

Palabras clave

Intervoice - Alucinación verbal auditiva - Grupos de escuchadores de voces

ABSTRACT

THE EXPERIENCE OF GROUPS OF VOICE HEARERS - INTERVOICE

The Hearing Voices Groups - connected to the Intervoice International Network - were created in Europe (Netherlands) in the 1980s by psychiatrist Romme and his patient Patsy. They are anonymous groups that work with the relation between hearers and their voices. The groups aim that the voices hearers, observing the phenomenon of listening to the voices from different points of view can enlarge their perspectives instead of understanding it only as an hallucination or as part of an experience of illness. So they can try to understand the relations between their voices and their personal experiences, and open new paths in the search of strategies for good coexistence with the voices and thus working in the organization and stabilization of this experience. This article brings some reflections regarding the practice of hearing voices groups from the experience of different groups in Italy and it intends to contribute by bringing some considerations about the function of facilitators. In a larger context, it hopes to contribute to the discussion on new mental health practices.

Keywords

Intervoice - Auditory verbal hallucination - Groups of hearers voices - First-person narrative

1. Introdução:

A Rede Internacional Intervoice surge na Holanda no final da década de 80 a partir de uma iniciativa de um psiquiatra - Romme e de sua paciente Patsy. Romme ao ser chamado atenção pela sua paciente devido ao seu desinteresse em relação ao conteúdo do que suas vozes diziam (o que ela buscava constantemente descrever a ele), passa então a questionar a sua forma de abordar tal fenômeno como patológico, um sintoma a ser desconsiderado em sua manifestação. Assim Romme começa a dar atenção à narrativa de Patsy sobre suas vozes, a relação com elas, a mensagem que elas transmitiam e a relação do conteúdo com a experiência pessoal de Patsy. Romme e Patsy buscam então através de um famoso programa de Tv no país conhecer e convocar demais ouvidores de vozes para uma conversa e assim nasce o primeiro grupo de Ouvidores de Vozes em 1987. Romme observa que das 700 pessoas que se manifestaram como ouvadoras de vozes (300 disponíveis a serem entrevistadas) 150 delas haviam vivido até o momento com tranquilidade esta experiência, sem a necessidade de medicação ou de acompanhamento médico, sem terem suas vidas limitadas pelo estigma social, pela perda de laços sociais e afetivos e do trabalho e, conseqüentemente sofrido isolamento social, situações tão comuns em casos de diagnósticos como esquizofrenia, depressão profunda e bipolaridade (quadros que implicam em escuta de vozes).

Desta nova forma de se compreender a escuta de vozes, para além da ideia de alucinação verbal auditiva, de um sintoma de doença mental dá-se a possibilidade dos ouvidores pela primeira vez se organizarem em torno a discurso próprio, partindo de narrativas em primeira pessoa, da experiência de cada ouvitor, sem analisar necessariamente tal fenômeno como adoecimento cerebral ou psíquico. Estruturam-se assim como grupos de auto e mútua ajuda, anônimos, gratuitos e partindo de diretrizes que promovam individual e coletivamente uma reorganização desta experiência, com aceitação do processo, superação do medo e criação de estratégias de enfrentamento.

Os grupos de Ouvidores de Vozes desde a década de 80 se expandiram, primeiramente na Europa (Itália, Inglaterra, França, etc) chegando mais tarde à América e no Brasil a partir de 2015. A rede hoje assim dispõe de publicações em línguas diversas como inglesa, portuguesa, italiana e espanhola e realiza congressos anuais nacionais e internacionais onde facilitadores, ouvidores, familiares, profissionais e interessados trocam experiências e se posicionam também enquanto um movimento social e político de des-psiquia-

trização da experiência de audição de vozes e empoderamento dos ouvidores.

Nos anos de 2016 e 2017 pude acompanhar atividades de 4 grupos de Ouvidores de Vozes na Itália ligados à Rede Internacional Intervoice situados na região central da Itália. Da imersão como pesquisadora surge o interesse em participar de modo mais efetivo, iniciando assim um processo de formação também como facilitadora. Nos grupos de Ouvidores de Vozes o papel de facilitador pode ser assumido por ouvidores já conhecedores da dinâmica dos grupos, familiares ou ainda por profissionais da área da saúde que tenham interesse em criar este contexto propício de trabalho e apoio entre ouvidores de vozes.

A facilitação é aprendida através do entendimento da função dos grupos e principalmente pela imersão e participação neles, de modo a fazer circular o lugar da fala, não deixar prevalecer nenhuma perspectiva em relação a outra (tratando-se assim de um campo neutro e não de teorias definitivas sobre o fenômeno), conectar os relatos e as pessoas, estimular o debate e a busca por estratégias. Sendo assim, facilitar seria uma função de mediação em um movimento de implicação dos envolvidos em um trabalho individual e coletivo em relação às vozes, aos pensamentos colocados como questão, emoções e realidades sociais que os ouvidores vivem e queiram compartilhar. O facilitador organiza o tempo, o espaço, a dinâmica da atividade proposta e tal função pode circular semanalmente entre todos os participantes do grupo.

2. Discussão

O papel dos facilitadores na Rede Internacional Intervoice - como pode observar a partir dos grupos italianos - se desenvolve de modo a agregar técnicas e práticas advinda da própria experiência do facilitador, assim como saberes e práticas advindas também daquilo que é compartilhado na rede como diretrizes para o bom funcionamento dos grupos de ouvidores em especial.

Embora tendo como ponto de partida técnicas de auto e mútua ajuda, técnicas psicológicas, técnicas grupais em geral e demais estratégias de fortalecimento dos vínculos e estabelecimento de metas para o grupo fazem parte da elaboração do trabalho de um facilitador. Ou seja, recursos para o desenvolvimento dos encontros eram sempre importantes de serem buscados para além do contexto grupal, de modo a alimentar a dinâmica e fomentar uma abertura para novos modos de se pensar e fazer a prática de apoio entre os ouvidores. Pude notar que nos grupos observados, alguns mesmo havendo mais de 5 anos de criação ainda eram considerados pelos seus facilitadores grupos jovens quando o assunto era a facilitação por parte dos próprios ouvidores. Na maioria destes grupos a facilitação era realizada por técnicos de saúde (operadores sociais), enfermeiros, médicos ou psicólogos.

Um outro ponto importante observado foi o contexto onde as atividades dos grupos costumavam acontecer, se tratando de Centros Diurnos de Saúde, Paróquias nas proximidades de Comunidades Terapêuticas e poucas vezes em um espaço neutro, destacado de qualquer serviço ligado à saúde mental. Tal característica por consequência parecia dar predominância a participação de pessoas sempre vinculadas aos serviços de Saúde Mental locais, indicadas por seus psiquiatras, não englobando assim parte importante da

população de ouvidores de vozes externas à rede oficial de cuidado. Cabe destacar que muitos destes ouvidores externos ao serviço de saúde de maneira solitária puderam criar suas próprias estratégias de enfrentamento e controle das vozes, mantendo uma vida muitas vezes mais funcional do que aqueles que chegaram aos serviços de saúde mental, se tratando assim de pessoas com grande potencial de ajuda quando presentes nesses grupos. Aqueles que já vivenciam uma fase mais branda e equilibrada dentro do processo de audição de vozes podem ser potencialmente muito importantes como “guias” ou “conselheiros” dentro do processo de normalização da experiência dos demais. Sendo assim, seria importante alcançar tais ouvidores para que o grupo possa então se fortalecer e progredir amparado pela experiência de casos de “boa convivência com as vozes”.

Nos grupos observados o aparecimento de conteúdos emocionais era tratado de modo diverso, dependendo assim da abertura ou mesmo da formação daqueles que ocupavam o lugar de facilitação. Nos contextos onde a maioria dos facilitadores eram psicólogos parecia haver uma duração mais prolongada dentro da dinâmica do grupo do tempo destinado aos relatos que envolviam aspectos emocionais, familiares e traumáticos que pudessem ter relação com o aparecimento das vozes. Já em grupos onde o médico e operador social não se sentiam muito preparados em relação aos conteúdos emocionais trazidos pelos ouvidores (diante à descrição de cenas de trauma, abuso ou inadequação), a tentativa parecia ser a de se concentrar mais na estratégias para conter as consequências desastrosas do contato com as vozes, ou seja, como controlar o medo e as sensações negativas relacionadas ao evento. Estratégias corporais, discussão de textos e a realização de atividades não associadas diretamente à experiência pessoal de cada ouvidor de vozes ocupava assim esta função de estar “no problema”, dar a ele centralidade, embora de um modo menos aprofundado, o que não deixava de, em certo modo, suscitar algo no processo emocional de cada ouvidor.

3. Considerações

O facilitador parece assim ocupar um lugar determinante para a dinâmica do grupo e para a escolha das estratégias de enfrentamento dos problemas relacionados à audição de vozes, de modo a não apenas conduzir as reuniões pautadas na delimitação de tema, espaço e tempo, mas de modo a explorar a potencialidade do grupo, trazendo novos conteúdos e novas perspectivas, permitindo a fala de todos, o silêncio oportuno, assim como a abertura para o fora. Embora cada participante do grupo interfira e altere na dinâmica grupal, dando a ela novos contornos a figura do facilitador é que parece predominar, no sentido de autorizar e legitimar os passos a serem dados, o foco e o movimento grupal. Podemos assim pensar tal posição como a de neutralidade que permite a emergência da diversidade a partir da narrativa singular de cada experiência, mas também como a posição de centralidade e de concentração de esforços numa espécie de liderança que aponta caminhos a serem percorridos pelo grupo.

Pude também observar um grande esforço da parte dos facilitadores em relação ao cuidado em se oferecer acolhimento destacado, não tutelar, atentos em não se enfatizar a vulnerabilidade de cada

sujeito e de modo a ativar uma espécie de reconhecimento de uma potência própria adormecida. Poderia ser assim compreendido como um trabalho de incitação-capacitação ao “empoderamento”, da retomada de confiança em si mesmo, de busca por recursos próprios para a criação de uma saída para o intenso sofrimento.

A pergunta certa no momento oportuno ou o silêncio exato na ocasião propícia pareceu-me um sutil exercício de arte e respeito para deixar brotar de cada um conteúdos relacionados à experiência das vozes e criar oportunidades por meio da elaboração destes conteúdos para a recriação de si. Novas narrativas de si mesmo, novos vínculos e novas compreensões do que seja a saúde podem então emergir a partir de um espaço de centralidade dada a esta experiência subjetiva com as vozes.

O relato da experiência de audição de vozes está muitas vezes atrelado a relatos de experiências traumáticas, a sentimentos de medo, insegurança, baixo-autoestima e situações de frustração e vulnerabilidade. Sendo assim, o trato com as emoções - ser receptivo à exposição delas - e ao mesmo tempo saber endereçar a uma escuta mais íntima (em casos de risco de exposição excessiva) são exemplos da sutileza do trabalho do facilitador, uma vez que a dinâmica dos grupos parece se direcionar pelos conteúdos emocionais. Outro ponto a ser considerado ao se tratar da função do facilitador seria o cuidado para não se tornar um grupo terapêutico ao invés de um grupo de trabalho autônomo, de diálogo amplo em perspectivas sobre o fenômeno de audição de vozes, tendo assim sempre em vista que a ideia de cura, tratamento (ou transferência terapêutica) não são necessariamente os objetivos de um grupo de ouvidores.

Situar o fenômeno de ouvir vozes no tempo e no espaço - onde, quando, sua origem, o que estava fazendo antes, durante e após fenômeno - são meios usados pelos facilitadores para dar materialidade ao fenômeno, para que assim o ouvidor possa tecer aos poucos relações entre as vozes e as suas próprias emoções, pensamentos e eventos. Opera-se assim na busca de uma compreensão para este processo de modo singular mesmo que em contexto grupal, longe da ideia de criar um consenso ou expectativas de tratamento ou ainda expectativas de uma cura dentro do contexto grupal.

Direcionar ao grupo o relato de cada ouvidor - do privado ao geral - do individual ao grupal; integrar, trocar, incentivar a busca por recursos individual e coletivamente são práticas do facilitador. Sendo assim, parece-me importante um constante diálogo entre os facilitadores, numa espécie de auto supervisão (análise-observação) atenta de suas práticas e reinvenção das estratégias do grupo, compartilhando sucessos e buscando soluções para os obstáculos e fixações próprias as quais por vezes nos habituamos. Embora a facilitação exija um certo grau de vinculação com os participantes do grupo, por vezes uma espécie de intercâmbio de facilitação através da visita de outros facilitadores experientes ou mesmo a integração dos grupos esporadicamente por meio de eventos coletivos poderia trazer um novo folego a cada grupo e ao próprio facilitador ao se experimentar em contextos grupais diversos.

BIBLIOGRAFIA

- Baker, P. (2015). Abordagem de ouvir vozes: treinamento Brasil. Apostila exclusiva de treinamento na Abordagem de ouvir vozes (Hearing Voices Approach). Trad: L. Ferreira Lansky. CENAT - Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas, São Paulo.
- Baker, P. (2009). *The voice inside: a practical guide for and about people who hear voices*. Isle of Lewis, Reino Unido: P&P Press.
- Contini, C. (2013). *Sentire le voci. Manuale di affrontamento*. Ediz. Multilingue, autopublicação, Itália.
- Intervoice Brasil (2017). *Manual: Como montar um grupo de ouvidores de vozes*. São Paulo: Intervoice Brasil.
- Romme, M., Escher, S., Dillon, J., Corstens, D., & Morris, M. (2009). *Living with voices: 50 stories of recovery*. Monmouth, Reino Unido: PCCS Books Ltd.
- Watkins, J. (2008). *Hearing Voices: a common human experience*. (2a ed.) Melbourne, Austrália: Michelle Anderson Publishing.